

* **Novas escrituras e mediações em saúde**

Entrevista com Ricardo Peret

Bianca Vieira Reis

Jornalista, especialista em comunicação e saúde ICICT/Fiocruz e mestranda em informação e comunicação pelo PPGICS/ICICT/Fiocruz
bvreis@gmail.com

Verônica Miranda de Oliveira

Psicóloga, especialista em psicanálise pela USU, mestranda em informação e comunicação pelo PPGICS/ICICT/Fiocruz
veronica.oliveira@uol.com.br

DOI:10.3395/receis.v5i2.489pt

Doralice Araújo foi idealizadora de um projeto de vídeo em instituição manicomial bastante pioneiro. Ela pertenceu ao núcleo original fundador da TV Pinel e afastou-se após algumas diatribes e muito sucesso no empreendimento. Sua perda recente nos oferece a tarefa de reunir lembranças e buscar a memória. Ricardo Peret foi diretor do *Instituto Philippe Pinel*, hospital psiquiátrico, no Rio de Janeiro, durante sete anos (1990 a 1997). Foi durante sua gestão que se deu a criação da TV Pinel a partir do apoio integral concedido à ideia de Dora. Essa TV, produtora de vídeos e núcleo de criação audiovisual, que se consolidou como um instrumento de intervenção cultural e teve como berço a Reforma Psiquiátrica Brasileira, pode ser entendida a partir do *encontro de uma psicóloga*, também artista visual e fotógrafa, com um psiquiatra dotado de sensibilidade para a área de Comunicação Social. Grande amigo, incentivador e admirador de Doralice Araújo, Peret ressalta o talento dela e argumenta que não se pode falar da TV Pinel sem falar em *Dora*. Nessa entrevista, ele nos conta um pouco de sua experiência, do trabalho de Doralice e da história da TV Pinel. Trata-se de uma crônica da reforma psiquiátrica brasileira.

Conte-nos um pouquinho da sua história com a TV Pinel.

Preciso começar por um momento anterior ao trabalho no Hospital Pinel. Em 1987, fui convidado para trabalhar no Estado da Bahia, na gestão do governador à época, Waldir Pires. Nesse período, fui dirigente do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia. Eu era o vice-diretor executivo.

Mesmo sendo psiquiatra?

Sim, mas eu trabalhava com um sociólogo que influenciou muito. Esse Instituto tinha a TV Educativa, a TVE do Governo do Estado, duas rádios educadoras e um centro de planejamento de produção pedagógica. Eu passei dois anos e meio da minha vida trabalhando basicamente com publicitários e jornalistas. Fazíamos todos os tipos de programas de televisão. Foi nesse trabalho que aprendi a importância da comunicação e compreendi o que era isso.

Você teve uma trajetória atípica para sua formação, a que você atribui essa escolha?

Quando fui convidado para ir para a Bahia eu estava convicto de que não queria atuar na secretaria da saúde, especialmente porque no período que eu fiz internato no Instituto Pinel, fiz um curso com Carlos Henrique Escobar. Era sobre epistemologia da comunicação, na Escola de Comunicação da UFRJ, aliás, onde eu conheci a minha primeira mulher... Eu tinha naquela época um interesse grande pela área e depois ainda me casei com uma jornalista que tinha muitos amigos jornalistas, enfim...

Nessa época você já conhecia Doralice Araújo?

Conhecia. Ela já era psicóloga no Pinel e eu sempre fui do Pinel, embora saia de vez em quando para assumir um cargo. Quando voltei da Bahia, em 1990, houve um processo eleitoral no Instituto Pinel e fui eleito diretor. Assumi e, em seguida, começamos o processo de transformação, fizemos obras, retirando todas as grades. Retiramos, inclusive, a grade da enfermaria e da porta de entrada do hospital, que passou a ficar aberta. Os quartos passaram a ser duplos ou no máximo triplos com banheiro privativo. A gente falava assim: "*Agora ninguém mais foge do Pinel, porque ninguém está preso aqui, as portas vão ficar abertas! Quem quiser ir embora, vai, depois a família traz de volta*". Acabamos com esse negócio do pessoal da enfermagem e de vigilantes agarrando pacientes. Foi um processo muito rico.

Então este era o clima institucional...

Sim. Exatamente.

Como foi a adaptação desses pacientes a esta transição, foi rápida e fácil ou teve um aumento de pacientes fugindo do hospital? Muitos problemas?

Eles adoraram, havia liberdade. O comportamento mudou radicalmente a partir do momento que as pessoas não ficavam mais presas. As portas do Instituto passaram a fechar a partir das 20h para proteção dos pacientes e dos funcionários simplesmente, como a porta de qualquer residência. Durante o dia as pessoas saíam, circulavam por onde quisessem e usavam a roupa que quisessem. Não tinha aquela coisa de diferenciar quem era quem, em função do uniforme de uma instituição fechada, correccional. As pessoas saíam e voltavam. Eventualmente, a família trazia de volta. Mas, de qualquer maneira, as fugas diminuíram muito. Antes disto, eventualmente, as pessoas conseguiam passar pela porta aberta e saíam correndo e eu morria de medo que elas fossem atropeladas na frente do Pinel, naquela avenida de trânsito intenso. A partir desse momento de abertura, todo vigilante que entrava, participava de um curso sobre conceitos básicos de saúde e doença mental para aprender a lidar com as pessoas e entender que não estava ali para segurá-las, mas para protegê-las.

Como se deu a parceria com a Doralice nesse período?

A Doralice fazia um trabalho com fotografia. Ela tinha o hábito de fotografar as crianças do Instituto, dedicava-se a isto com frequência, de modo diletante. Ela era uma excepcional fotógrafa, fazia algumas exposições. Era uma pessoa muito sensível. Recordo-me que atuava no Núcleo de Atendimento da Criança Autista e Psicótica – NAICAP, mantendo interesse por psicanálise, arte, cultura. Eu tinha um enorme carinho por esse trabalho, que, aliás, me emocionava muito. Um dia me pediram para comprar uma câmera de filmar...

Doralice percebeu a necessidade de filmar, além de tirar fotos...

Talvez.

Como você fez para conseguir um equipamento que era difícil de obter naquela época?

Minha experiência de gestor apontou um caminho. Entrei em contato com a Receita Federal para negociar a doação de um equipamento apreendido e recebemos duas câmeras e outros equipamentos que foram doados para o Pinel. A partir daí a Dora começou a filmar incessantemente as crianças. Um aspecto importante é que se passou a registrar a evolução clínica daqueles garotos e adolescentes. Esse acompanhamento me fez pensar sobre quanto tempo de gravação teríamos ao longo de um curto período, que precisaria ser editado, e o que isso significaria em pagamento de horas pelo uso de ilha de edição.

Como foi que você e Dora se desembaraçaram deste novo obstáculo?

Começamos a pensar que se tivéssemos uma ilha de edição poderíamos não apenas editar todo o material que produzíamos, como também começar a profissionalizar os nossos usuários, principalmente, aqueles que estavam no centro de atenção psicossocial, que vinham todo dia ao Hospital. Eles poderiam aprender a filmar e a editar, o que seria uma maneira de profissionalizar essas pessoas. Tendo esse cenário como horizonte, contratamos um profissional - chamado Amador - que começou a dar cursos de câmera e edição para os pacientes, técnicos e profissionais.

Isso em que ano?

Em 1995, período ainda anterior à TV Pinel. Nesta época, a cada dia ficava mais clara a necessidade de ter uma ilha de edição própria. Então pedi para o Amador fazer uma especificação de um equipamento de última geração. Mas a principal questão era evidentemente como conseguir dinheiro para comprar uma ilha de edição. Imaginem pedir a compra desse equipamento para o hospital psiquiátrico, iam pensar que eu era maluco!

E como você conseguiu equacionar esse problema?

Nesse período o Pinel estava na mídia quase toda semana, no Brasil inteiro e até fora do Brasil. O Pinel aparecia como modelo da reforma da psiquiatria, sendo visitado por pessoas de vários lugares. Isso nos colocava numa posição muito boa e me dava uma governabilidade muito grande; éramos um modelo, uma referência internacional. Nesse período, as instalações do hospital tinham acabado de ficarem prontas, as enfermarias bem coloridas, o hospital estava decorado com quadros de artistas plásticos, alguns famosos, que pintaram as telas lá mesmo no hospital. Então, aproveitei esse momento propício e convidei o Secretário da Administração Geral do Ministério da Saúde, responsável pela administração do orçamento do Ministério na época, Neilton Dias, para fazer uma visita ao Instituto. Andamos pelo hospital e ele ficou encantado. Deixei a visita ao núcleo das crianças autistas por último e ele saiu de lá obviamente emocionado. Nesse contexto, contei sobre o trabalho que Dora estava fazendo, filmando a evolução de pacientes muito comprometidos, da importância desse acompanhamento e da necessidade de ter uma ilha de edição para trabalhar esse material.

E ele topou?

Ele topou na hora e perguntou quanto custaria. Aí liguei para CCE e para a Sony e fiz a cotação. Eu não lembro hoje quanto custou. Só sei que liguei pra ele e falei: "Nilton, custa tanto". Ele falou que estava fechado e que passaria o orçamento pro hospital. Era irresistível o trabalho com as crianças, ele estava encantado com o hospital, via que o Ministério aplicava bem os recursos. Ele se mostrou uma pessoa muito sensível. Repassou o dinheiro e compramos imediatamente a ilha de edição. Na época, pensei "bacana... já estamos treinando os usuários em edição e já tem gente começando a ganhar um dinheirinho cobrindo festa e casamento". As pessoas começaram a ter uma vida mais, digamos assim, mais semelhante à vida dos outros: com trabalho, com amizades, círculo social, que não era apenas de outros pacientes.

Podemos dizer que foi um encontro ímpar entre vocês. Porque você tinha uma veia jornalística e Dora uma veia artística.

Com certeza, e tínhamos uma efetiva paixão um pelo outro. Doralice era uma das pessoas mais talentosas que conheci. Sempre que falo da TV Pinel tenho que falar da Doralice. Construímos isso juntos, e sem ela eu nunca teria pensado na TV Pinel.

Como foi a escolha do nome e do formato para TV Pinel ?

A *Dora* me mostrava existência de trabalhos como aquele da TV comunitária, em Nova Iguaçu, e também entramos em contato com um rapaz, cujo nome não lembro, que fazia TV Sala de Espera, em Belo Horizonte. Ela conhecia bem essas duas experiências em função do trabalho de fotografia que fazia e de seu interesse na área. Entretanto, Dora e eu queríamos alguma coisa bem diferente daquilo que era meramente técnico, pensado para passar na sala de espera de hospitais públicos e ambulatorios. Nós queríamos fazer uma coisa mais próxima do contexto do Instituto e também da Reforma Psiquiátrica em curso. O modelo da TV comunitária não tinha nada a ver com os usuários do serviço de saúde mental. E o nosso negócio era esse. Aí comecei a pensar, e veio aquela coisa da importância da mídia. Eu pensava que precisávamos criar uma televisão para trabalhar a imagem social da loucura e que pudesse ser um instrumento de intervenção cultural, onde pudéssemos mostrar para a sociedade que a loucura é uma experiência humana e que deve ser acolhida. Acredito que houve uma sintonia.

E foi nesse momento que surgiu o nome?

Foi nesse contexto que Dora sugeriu o nome TV Pinel. Ela tinha opiniões firmes. Tinha ideias surpreendentes. No início resisti um pouco ao nome, tive preconceito. Falei "Não, Dora! TV de maluco, não! TV Pinel, não, vai ficar uma coisa bizarra, de doido". Mas a Dora me convenceu e isso foi fantástico, porque hoje não consigo imaginar um nome melhor.

O que as pessoas comentavam sobre o nome que Dora deu? Tiveram a mesma reação que a sua?

A primeira entrevista que dei como diretor do Pinel com a TV Pinel já instituída, foi para Elaine Rodriguez, repórter de saúde do jornal O Globo. Ela me perguntou se eu não pretendia mudar o nome da TV Pinel, pra outro nome qualquer, afinal Pinel era um nome tão maldito, tão coisa de maluco... Eu falei: "olha só, você certamente conhece aquela piada do cara que foi traído no sofá da casa dele, e que resolve tirar o sofá da sala, mas a mulher continua traindo. Com a palavra Pinel é exatamente assim". Hoje o nome "Pinel" é quase tão famoso quanto a Coca-Cola, por exemplo, tem Pinel na Bahia, no Amazonas, em tudo quanto é lugar do Brasil. Existe Banda Pinel e a palavra consta inclusive no dicionário Aurélio, que o definiu como adjetivo à loucura. Esse legado é para sempre, o que a gente tinha que fazer era associar essa marca a alguma coisa boa.

Nossa! Você conseguiu na hora essa resposta para a repórter?

Na hora! Saiu de estalo, num insight. Na verdade, eu acho que tive bastante preconceito com o nome TV Pinel. Mas eu me rendi absolutamente, felizmente e graças aos encantos da Dora, resolvemos criar a TV Pinel exatamente com este nome.

Conte-nos como foi montar a estrutura de uma TV num hospital psiquiátrico?

Precisávamos de muitos profissionais que conhecessem televisão, porque nós não tínhamos essa expertise. Então, eu era amigo do Claudius - cartunista - que era diretor de Centro de Criação de Imagem Popular. Conversei com ele sobre a nossa ideia - minha e da Dora - de criar uma TV. Foi bem recebida. Logo estabelecemos uma parceria entre a CECIP e o Pinel. Quem passou a trabalhar diretamente com a gente foi Valter Filé, o Rosano (nosso grande intelectual da TV Pinel) e a Noali Tojá, que trabalha até hoje na TV Pinel. Formou-se então uma equipe que tinha profissionais do CECIP e alguns pacientes, que passaram a ser assalariados. A TV Pinel começou em 1996 e rapidamente se tornou uma coisa inovadora, porque naquele momento não havia qualquer iniciativa parecida; o mais próximo era uma cooperativa na Itália feita por usuários de saúde mental, mas que era basicamente uma produtora.

Dora, você e os outros construíram a TV Pinel em um período de menor difusão de

equipamentos tecnológicos, como celular e máquinas fotográficas que filmam, aplicativos para edição de vídeo, etc. Estamos falando de pouco tempo atrás, porém, de outra década, em que ainda não se vivia nesse mundo saturado pela imagem e vídeo. Isto faz com que, de fato, o que fizeram seja muito inovador...

Não tinha pensado nisso.

Você e Dora devem ter enfrentado dificuldades para montar essa estrutura da TV Pinel? Algum episódio marcou especialmente vocês?

Não me recordo de nada que tenha me marcado em especial. Foi uma coisa assim: as pessoas compraram a ideia com tanto entusiasmo que o primeiro programa já foi um sucesso. Tivemos boa recepção. Ele começou a ser veiculado em televisões, como o canal saúde da Fiocruz, por exemplo. O Arlindo, superintendente do Canal Saúde, fez o primeiro programa; ele inclusive deu uma entrevista.

Você se lembra do primeiro programa?

Lembro e assisto com carinho, de vez em quando, ao primeiro programa. É muito diferente você olhar a produção de hoje depois de 15 anos passados. Eu pessoalmente prefiro os mais artesanais.

Há algum programa que tenha um significado especial para você?

Alguns quadros me marcaram muito, menciono os compactos dos primeiros cinco programas, que acho particularmente muito bonitos. Em verdade, já não estava mais no Pinel, pois saí um ano depois, em 97. Achei que já tinha ficado sete anos à frente do Pinel, que minha capacidade de ficar inventando estava um pouco esgotada, já estava me sentido meio burocrata... Alguns pacientes me chamavam de Dr. Pinel. Eles não sabiam quem era Louis Philippe Pinel. Eu ficava lá dentro o dia inteiro e já era confundido com o cara que o hospital homenageava. Saí do Pinel porque já tinha dado a minha contribuição. Achava também que minha relação com a reforma psiquiátrica tinha muito a ver com sair da psiquiatria de vez em quando e participar da vida comum.

Como foi feito o primeiro programa? Dora fazia os roteiros? Quem deu as primeiras ideias nos roteiros? Conte um pouquinho para nós...

Aquele foi um programa totalmente coletivo, feito pela CECIP, pelos funcionários e pelos usuários. Quando o programa estava pronto, convidei algumas pessoas para ver o trabalho na ilha de edição. Aliás, nessas apresentações sempre estavam Dora, eu, e um ou dois convidados. Quase sempre acontecia uma coisa muito engraçada. As pessoas perguntavam: "Esse que está aparecendo agora é técnico, usuário ou profissional?" Eu respondia: "Viva! se você não sabe se porque esse programa já está cumprido seu papel, que é relativizar essa coisa da diferenciação, se você não sabe quem é quem, significa que esse trabalho já é um sucesso". Programamos a primeira apresentação no auditório do Pinel, que estava abarrotado de gente - familiares, usuários, funcionários, convidados e a mídia. Acabou com um monte de gente chorando, foi muito emocionante. Nós aparecemos no Jornal Nacional, durante a 10ª Conferência Nacional de Saúde, que aconteceu nesse ano (1996). O Pinel era a estrela, ganhamos prêmio no Japão, no Festival de um minuto na França, entre outros.

Os programas tinham formato de entrevistas?

Eram programas humorísticos tipo Casseta&Planeta, com quadros, sketches e entrevistas. Os programas são muito inteligentes, bem humorados, às vezes até ridicularizando a psiquiatria tradicional, além de trabalharem na desconstrução dessa postura pesada. Inclusive, há alguns dias atrás, estava assistindo televisão - acho que era o programa do fantástico - quando em um quadro apareciam pessoas falando dentro de um coração; ora, imediatamente me lembrei que a TV Pinel fez um igualzinho há 15 anos atrás.

Foi possível perceber alguma mudança no comportamento dos pacientes que participavam desse trabalho?

Sim. É interessante inclusive porque muitos eram pacientes graves, com uma longa história de internação em hospitais psiquiátricos. Essas pessoas tiveram a oportunidade de uma nova dimensão de vida que considero impressionante, uma recuperação incrível da própria vida perdida em uma instituição asilar. Acho que Dora não imaginava isto. Nós, quando pensamos esse projeto, sabíamos que esse era um caminho, mas não tínhamos a dimensão do impacto que poderia ter não apenas para essas pessoas, mas também para o imaginário social. A TV Pinel é dos dispositivos da reforma psiquiátrica. Ela pode ser encarada assim. Pois foram 10 anos discutindo essa lei no Brasil inteiro. Não conheço nenhuma outra lei que tenha sido tão debatida. Tudo isso colaborou bastante para o cenário de mudança de postura.

Onde fica o acervo da TV Pinel e como está sendo protegido?

Este acervo tem dupla inserção institucional. O acervo fica em parte aqui na Biblioteca de Manguinhos (Pavilhão Haity Moussatché) e outra parte guardada na TV Pinel junto ao atual Instituto Philippe Pinel (Rio de Janeiro, RJ). A rede de bibliotecas da Fiocruz, subordinada ao Ict/FIOCRUZ tem prática, missão e expertise associada à memória da saúde no Brasil.

Como você vê o Ministério da Saúde sendo responsável por um acervo cultural, já que existem críticas de especialistas?

Não vejo problema. Eu acho ótimo o Ministério da Saúde ser responsável por acervos, até porque muitas vezes trabalhamos mais diretamente com a cultura do que com a saúde, inclusive porque a cultura é intersetorial. Aqui no LAPS (ENSP/Fiocruz), por exemplo, nossos principais convênios são firmados com o Ministério da Cultura, com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. A cultura, sem dúvida, perpassa todas as esferas.

Este acervo seria a prova viva do nascimento e desenvolvimento da TV Pínel...

É um registro histórico importante. Assim como falar um pouco de Doralice nesse momento é trazer à tona um fragmento da memória esquecida, mas que estará presente para sempre na história da TV Pínel. Eu acho que se fala pouco da Dora...